

Tratamento Magnético retoma atividades

O serviço de Tratamento Magnético, também conhecido como fluidoterapia, está funcionando presencialmente, na sede principal do IDE-JF, todas as sextas-feiras. O Tratamento Magnético no Instituto envolve o diálogo fraterno, o estudo e o passe como instrumentos capazes de auxiliar na amenização de sofrimentos físicos e morais.

Neste texto, as duas equipes de colaboradores, das 15h e das 18h30, contam sobre o retorno e abordam os detalhes acerca do trabalho. Adicionalmente, as diretoras do Departamento Mediúnic, Juliana Nader e Léia da Hora, descrevem como ocorreu o processo preparatório para a retomada do posto magnético, depois de dois anos de interrupção.



Foto: Claudia Nunes

Páginas 3 e 4

▼ Editorial

Argumenta sobre a tendência perniciosa do personalismo nas diversas relações humanas, de um modo geral, e no movimento espírita, em particular2

A violência contra a mulher

Violência doméstica, obstétrica, estupro, misoginia, feminicídio. De acordo com dados oficiais, todos os dias, literalmente, são registrados casos de abusos e violências praticados contra as mulheres. Recentemente, casos repugnantes vieram à tona, reforçando a necessidade de se questionar e de implementar ações que busquem romper com a naturalização dessas graves violências. O IDEAL ouviu sete mulheres espíritas para debater o assunto, a partir de situações atuais que foram amplamente expostas pelos noticiários. A seguir, está um exemplo dos depoimentos colhidos.

"A violência velada que ocorria em tempos não tão distantes, quando mulheres sofriam abusos e muitas das vezes não denunciavam, por medo ou vergonha, fazia com que os casos não fossem contabilizados. Hoje, podemos perceber que os agressores não estão mais se preocupando com a repercussão, estão atacando mulheres em qualquer lugar. O caso da agressão sofrida pela promotora [...] é um exemplo de que não há mais limite para o agressor e que o sentimento de ódio está latente, levado até às últimas consequências." J. B.

Páginas 5 a 8



EM JUIZ DE FORA DENUNCIE A VIOLÊNCIA E PROCURE AJUDA NA CASA DA MULHER

- (32) 3690-7292 - ou pelo e-mail casadamulher@pjf.mg.gov.br
- Avenida Garibaldi Campinhos, 169, bairro Vitorino Braga.
- O atendimento é realizado de segunda a sexta-feira, das 7h30 às 17h, não sendo necessário agendamento.



ide-jf.org.br | ide@ide-jf.org.br | @IDEJF | "Lives IDE-JF" | @ide_jf | @ide-jf | @idejf

Confira as novidades e participe!

Atividades do IDE-JF

Atendimento Fraterno

Quinta-feira: 20h

Farmácia/CAEC*

Terça e sexta-feira: 14h às 17h

* Funciona na Avenida Santa Luzia, 40 – Bairro Santa Luzia.

Biblioteca

Segunda-feira: 19h30 às 21h30

Quinta-feira: 19h30 às 21h30

Sexta-feira: 14h30 às 16h

Sábado: 18h30 às 20h30

Grupo de Higiene Mental (on-line)

Terça-feira: 20h

Passe

Segunda-feira: 20h

Quinta-feira: 20h

Sábado: 19h

Curso de Introdução à Mediunidade

Segunda-feira: 20h

Espiritismo para Crianças e Mocidade

Quinta-feira: 20h

Sábado: 19h

Tratamento Magnético

Sexta-feira: 15h e 18h30

Grupos de Estudos

Obra, Autor	Dirigente	Dia, horário Formato
<i>O Espiritismo de uma forma mais simples</i> , Allan Kardec/IDE-JF	Graça Paulino	Domingo, 9h30 Presencial
<i>O Evangelho segundo o Espiritismo</i> , Allan Kardec	Maria Aparecida	Segunda, 14h30 Presencial
<i>O Céu e o Inferno</i> , Allan Kardec	Carla Temponi	Segunda, 18h30 On-line
Cartas de Paulo	João Luiz da Rocha	Segunda, 19h Presencial
<i>O Livro dos Espíritos</i> , Allan Kardec	Thereza Cristina	Quinta, 19h Presencial
<i>Revista Espírita 1862</i> , Allan Kardec	Myrian Jorio	Sexta, 20h On-line
Sexualidade e Espiritismo	Gabriel e Mylene	4º sábado, 16h Presencial

O personalismo e o Espiritismo

É muito comum observar nas relações humanas, em diferentes épocas, a necessidade de se considerar determinadas pessoas como um referencial de conduta, pensamento, afinidade e crença. Em diversos campos sociais, existem indivíduos que se colocam em posição de centralidade, como se tudo devesse girar ao seu redor. Mas também há o contrário, quando um grupo de pessoas procura adorar personalidades e segui-las, muitas vezes, simplesmente movidas por sentimentos de paixão irrefletida.

“Todos os homens são irmãos e filhos de Deus”, afirmam os Espiritos. Todos estamos concorrendo para o mesmo estado de progresso. Nesse sentido, não há motivos racionais para idolatramos, adularmos ou seguirmos os outros como se fossem exemplos – até mesmo porque poderíamos insuflar o seu orgulho. Em tempos de influencers, coaches, celebridades, gurus, mentores, seguidos e seguidores, cabe questionarmos se não deveríamos procurar, em nós mesmos, a capacidade de criar livremente as condições para sermos pessoas melhores, buscando aprender com as nossas próprias experiências.

Não significa, com isso, prescindir da ajuda fraternal que deve imperar nas relações, mas não é razoável, no trabalho espírita, criar séquitos nem fazer adoração de Espíritos (encarnados ou desencarnados). Na verdade, todos eles estão mais ou menos adiantados, e não há seres privilegiados ou especiais na criação divina. Que estejamos mais preocupados em agir do que em seguir, sem qualquer distanciamento crítico, médiuns famosos ou líderes vaidosos; afinal, a melhor maneira de honrar a Deus é minorando os sofrimentos dos pobres e dos aflitosⁱⁱ.

ⁱ Questão 654 de *O Livro dos Espíritos*.

ⁱⁱ Questão 673 de *O Livro dos Espíritos*.



**PALESTRAS
PÚBLICAS**

Quinta-feira | 20h

Sábado | 19h

É obrigatório o uso de máscara de proteção facial durante todo o tempo de permanência na casa.

Diretoria do IDE-JF

Departamento Administrativo: Ademir Amaral e Marco Antônio Corrêa

Departamento de Comunicação: Allan Gouvêa e Gabriel Lopes Garcia

Departamento Doutrinário: Geraldo Marques e Myrianceli Jorio

Departamento Editorial: Angela Araújo Oliveira e Elisa Marques da Costa

Departamento de Evangelização: Janezete Marques e Lucas Rieger de Oliveira

Departamento Mediúnico: Juliana Martins Nader Leite e Léia da Hora

Departamento Social, de Promoção e Eventos: Claudia Nunes e Graça Paulino

Expediente

O IDEAL é uma publicação mensal do Instituto de Difusão Espírita de Juiz de Fora – Rua Torreões, 210 – Santa Luzia – 36030-040 Juiz de Fora/MG

Tel.: (32) 3234-2500 – divulgacao.idejf@gmail.com

Departamento de Comunicação: Allan de Gouvêa Pereira e Gabriel Lopes Garcia

Jornalista Responsável: Allan de Gouvêa Pereira – MTE: 18903/MG

Editoração: Angela Araújo Oliveira

Os artigos não assinados são de responsabilidade do Departamento de Comunicação do IDE-JF.

A terapia dos fluidos

Um dos trabalhos mais tradicionais da casa, o Tratamento Magnético retoma suas atividades presenciais

Sempre às sextas-feiras, às 15h ou às 18h30, duas equipes de trabalhadores de longa data estão a postos para o atendimento. A pessoa interessada em participar chega ao IDE-JF e é encaminhada, inicialmente, para o diálogo fraterno. Nessa conversa, ela aborda os motivos que a trazem ali e recebe as instruções sobre o tratamento (sua preparação e continuidade). Em seguida, vai para o salão de reuniões públicas, onde assiste a um breve estudo, à luz do Evangelho e do Espiritismo. Depois, é conduzida à sala de passes, na qual recebe os fluidos magnéticos, de forma individualizada. Ao final, caso tenha trazido uma garrafa de água, leva para casa também esse fluido energizado.

Há muitos anos, praticamente desde a sua fundação, o IDE-JF oferece o Tratamento Magnético (TM) para pessoas que precisam de um acompanhamento espiri-

tual para dores físicas e morais. Também conhecido como fluidoterapia, o trabalho consiste de uma frequência regular, de aproximadamente quatro semanas, ao posto magnético. Essas sessões, como se vê, envolvem o recolhimento íntimo, a reflexão, a prece e passe.

Marisa Mourão é trabalhadora da equipe noturna do TM desde muito tempo, “quando o IDE-JF ainda funcionava na Fundação [Espírita] João de Freitas [entre 1995 e 1997]”, lembra. Ela ressalta a importância desse trabalho, sobretudo em razão da prática da “caridade por excelência”, na medida em que procura atender ao mandamento cristão de ajuda ao próximo.

“É importante lembrar que a dor pode nos acometer em qualquer etapa de nossas vidas, e é muito consolador sabermos que há um trabalho na casa direcionado a amparar aqueles que se sentirem necessitados”, destaca Marisa. Ainda segundo ela, muitos dos colaboradores que fazem parte da equipe chegaram ao Tratamento na condição de socorridos e, hoje, são eles os que oferecem o auxílio. “Esta é beleza da vida: em um dia, a gente recebe; no outro, a gente doa”, completa.

O trabalho é estruturado da mesma forma no turno da tarde, quando as colaboradoras Margarida Freitas e Honorina Gomes atuam no posto magnético, também há mais de 20 anos. Elas comentam sobre o nervosismo do recente retorno às atividades presenciais, após mais de dois de interrupção, por conta

da pandemia.

Ambas afirmam que, aos poucos, as pessoas estão voltando a procurar o Tratamento. Margarida acredita que muita gente ainda está receosa em sair de casa, mas reforça que a equipe permanece a postos para a continuidade do trabalho. Honorina, por sua vez, relata a importância de ocupar esse espaço e a sensação prazerosa de estar em casa novamente.

O retorno das duas equipes foi precedido por uma preparação orientada pelo Departamento Mediúnico, que durou cerca de um mês, na qual todos os integrantes se reuniram semanalmente para estudar e revisar os assuntos pertinentes ao trabalho, além de fazer uma reambientação com a casa. [Confira, a seguir, o depoimento das diretoras do Departamento a respeito desse processo.]

Para participar do TM, as pessoas interessadas devem comparecer ao IDE-JF, às 15h ou às 18h30 de sexta-feira, e se dirigir à recepção do Instituto. Especialmente no primeiro dia do Tratamento, é recomendado chegar com antecedência para o diálogo fraterno. Em geral, as pessoas doentes, as grávidas e as crianças são atendidas prioritariamente.

É fundamental destacar que a participação no TM não dispensa os acompanhamentos médico e psicológico por profissionais competentes. Em caso de dúvidas ou informações, pode-se ligar para o IDE-JF (3234-2500) nos referidos horários de sexta.



Marisa Mourão, trabalhadora do Magnético, comenta que o convite para o retorno foi recebido com muita alegria pela equipe

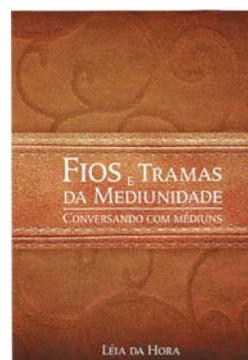


**Fios e tramas da mediunidade:
no âmbito da reunião
mediúnica (2018)**

Léia da Hora

R\$ 15,00

Disponível na Livraria



**Fios e tramas da mediunidade:
conversando com médiuns
(2012)**

Léia da Hora

R\$ 15,00

Disponível na Livraria



Reinício do trabalho presencial

Juliana Nader e Léia da Hora

Contando com a boa vontade e desejo ardente de fazer o bem, em nome de Jesus, reabrimos as portas da nossa casa aos trabalhos dos passes magnéticos de sexta-feira. Coração batendo forte na emoção do recomeço, lá estávamos as equipes da tarde, às 15h, e da noite, às 18h30.

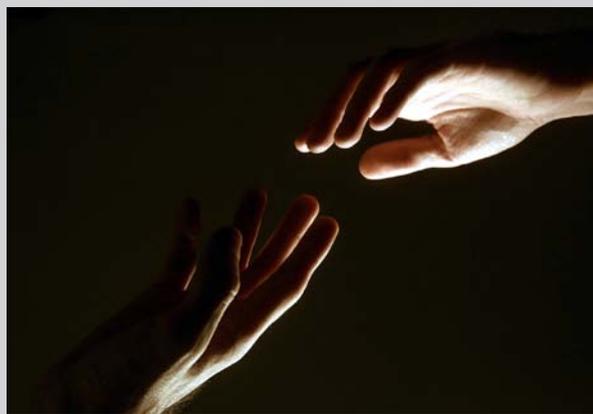


Imagem: Pixabay.

Para tanto, preparamo-nos por cinco semanas contínuas em estudos e trocas de importantes e gratificantes experiências. Trouxemos os ensinamentos de Kardec quando ele registrava, na Revista Espírita, suas valiosas reflexões advindas das orientações dos Espíritos superiores que o assistiam em tão importante missão: esclarecer, instruir e iluminar o pensamento da Humanidade.

Com as orientações em mente, organizamos nosso pensamento na preparação das tarefas, que foram divididas por todos – afinal, era necessário um recepcionista, uma pessoa na biblioteca, na venda dos livros, sendo importantíssimo ponto de entendimento nosso que todos estivéssemos aptos a receber e a orientar as pessoas que fossem à casa em busca de conforto e consolo espiritual.

Discutimos a melhor forma de acolher e esclarecer o doente e o aflito, exercitamos a exposição do Evangelho, que faríamos

nós próprios, pois nos perguntamos: como "evangelizar" e dar exemplo de fé sincera àquele que nos busca, sem evangelizarmos a nós mesmos? Disciplinamo-nos diariamente em ações e pensamentos através de exercícios de leitura e preparação para dormir, pela reflexão sadia e prece ardente aos bons Espíritos para que nos secundassem na vontade de sermos melhores e mais aptos instrumentos.

Assim, dando-nos força uns aos outros, avançamos corajosamente para a reabertura da casa. Qual não foi nossa grata surpresa quando lá nos aguardavam três pessoas nos turnos da tarde e da noite, confiantes, à procura de fluidos reparadores e de forças espirituais que os auxiliassem na marcha cotidiana da vida?

O trabalho tem se mantido com frequência e assiduidade por parte das equipes responsáveis. No turno da tarde, contamos com nossos companheiros Margarida, João, Vivian, Juliana, Honorina e Lucia. Na turma da noite, a equipe antes da pande-



Imagem: Pixabay.

mia se manteve, Marisa, Jô, Ana Lúcia, Vera Lúcia, Mariluce, Fernando, Marcelo e Ana Paula.

De fato, o trabalho no Bem, realizado com dedicação, estudo e boa vontade, sempre traz bons frutos, posto que secundado pelos trabalhadores do Alto.



O Espiritismo de uma forma mais simples (3ª edição – revisada 2014)

IDE-JF

R\$ 30,00

Disponível na Livraria



O Evangelho de uma forma mais simples (2009)

IDE-JF

R\$ 30,00

Disponível na Livraria

As recorrentes violências contra a mulher

“A emancipação da mulher acompanha o progresso da civilização. Sua escravização marcha de par com a barbárie.” Estas conhecidas palavras, extraídas de *O Livro dos Espíritos* (questão 822a), encerram uma das ideias mais importantes da doutrina espírita, sobretudo se considerarmos o contexto em que foram pronunciadas, em meados do século XIX. A defesa incontestada da igualdade dos direitos entre o homem e a mulher faz parte do pensamento kardequiano, e ainda hoje precisa ser lembrada e enfatizada.

De acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, ao longo de 2021, foram registrados 1.319 feminicídios (quando a vítima é morta por ser mulher) no país, o que representa, em média, uma vítima fatal a cada sete horas. Também são estarrecedores os números relativos aos estupros de meninas e mulheres nesse mesmo ano: foram mais de 56 mil boletins de ocorrência registrados no Brasil, o que corresponde a um caso de violência sexual a cada 10 minutos, considerando apenas os que chegaram às autoridades policiais.

No último mês de junho, dois fatos ocorridos no Brasil evidenciaram a problemática sobre o lugar de subordinação ao qual, habitualmente, as mu-

lheres são colocadas. Em 20 de junho, o portal The Intercept Brasil publicou uma reportagem, acompanhada de um vídeo, que mostrava a juíza Joana Ribeiro Zimmer, 43, de Santa Catarina, tentando induzir uma menina de 11 anos, vítima de estupro, a manter uma gestação, muito embora a legislação brasileira permita a interrupção em casos como esse. A gravidez, nessa idade, representa alto risco para a genitora, de acordo com os médicos e profissionais de saúde.

No mesmo dia, no município de Registro, interior de São Paulo, a procuradora-geral Gabriela Samadello Monteiro de Barros, 39, foi brutalmente agredida pelo colega de trabalho Demétrius Oliveira de Macedo, 34, que está preso. As imagens da agressão circularam amplamente na internet e na televisão, cuja motivação seria a abertura de um processo disciplinar contra ele, que analisaria, justamente, o seu comportamento no ambiente de trabalho.

Embora se tratem de casos distintos, as duas situações revelam o quanto a figura feminina, ainda em nossos dias, tem seus direitos negados e suas ações contestadas, muitas das vezes, pelo simples fato de serem mulheres.

Importante destacar que, no caso do aborto (com risco para a mãe), os Espíritos afirmam, na questão 359 de *O Livro dos Espíritos*: “Preferível é se sacrifique o ser que ainda não existe a sacrificar-se o que já existe.”

Apesar de a doutrina, por si só, apresentar ideias e concepções muito transparentes sobre a importância de assegurar a igualdade, O IDEAL convidou algumas mulheres espíritas para discutir sobre os casos descritos e sobre suas experiências. Foram feitas as perguntas descritas abaixo, sendo que algumas respondentes optaram por terem seus nomes preservados.

1. O fato de uma mulher, em posição de liderança, ser violentamente agredida por conta de sua atuação profissional representa quais significados sobre ser mulher nos dias de hoje? O que é preciso fazer para mudar essa situação?
2. O impedimento inicial da menina de 11 anos de interromper a gravidez, para proteger a própria vida, traz à tona o questionamento sobre direitos conquistados que nem sempre são respeitados. Na sua visão, por que isso ainda acontece?

Durante o fechamento desta edição, também veio a público o caso do médico anestesista Giovanni Quintella Bezerra (31), que estuprou uma mulher, em trabalho de parto, no centro cirúrgico de um hospital de São João do Meriti, na Baixada Fluminense. Trata-se de um mais um caso que, além de causar repulsa e indignação, reforça a relevância dos depoimentos das mulheres espíritas ouvidas por O IDEAL.



A Mediunidade de uma forma mais simples (2016)

IDE-JF

R\$ 30,00

Disponível na Livraria



Que somos nós? Um estudo da interação Espírito, corpo e ambiente (2015)

Ricardo Baesso, Geraldo Luciano Marques, Carlos Alberto Mourão Júnior, Carlos Eduardo Nogueiras, David Sérgio Gouvêa, Eliane Banhato e Lyderson Viccini

R\$ 22,00

Disponível na Livraria

Mylene Santiago

1. Há várias formas de violência (física, psicológica, moral, sexual e patrimonial) e a mulher tem sido vítima de praticamente todas elas. A violência doméstica tem índices absurdos em nosso país. O que pensar de uma sociedade em que a mulher não está protegida em sua própria casa? Quando a situação de violência ocorre no trabalho, percebemos que todos os limites foram ultrapassados, afinal de contas a relação de trabalho precisa ser resguardada por princípios profissionais e éticos. Ver uma mulher ser agredida por um colega de trabalho em rede nacional é um absurdo que nos faz repensar nas relações de gênero, que têm sido silenciadas nas políticas educacionais e censuradas nas escolas. As relações de gênero são construídas histórica e culturalmente através de relações de poder que atribuem determinadas tarefas e comportamento a homens e mulheres. Para mudar o atual cenário, homens e mulheres precisam aprender a ‘ser’ feministas, ou seja, reivindicar a igualdade política, jurídica e social entre homens e mulheres, compreendendo que essa proposta não é sexista, isto é, não busca impor algum tipo de superioridade feminina, mas a igualdade entre os sexos.
2. A mulher não tem autonomia sobre seu corpo; desde a infância, recebe informações e advertências sobre condutas e comportamentos adequados. Em algumas situações, verificamos limitação sobre qual esporte deve praticar ou não. Paralelamente a tanta imposição e idealização sobre o que é ser mulher, a reprodução é mais uma expectativa que lhe é atribuída. O aborto do ponto de vista ético-religioso é um crime e não pode ser praticado, mas as condições que atravessam a prática do aborto nunca são realmente conhecidas. Importante recordar que uma gravidez indesejada implica a responsabilidade de duas pessoas, mas só a mulher é punida e julgada em tais situações. E quando a gravidez é consequência de um estupro em uma criança? Quais são as implicações psicológicas, espirituais e físicas para a mãe-menina-abusada? Ela não existe, é

invisível, a ela compete apenas seguir as decisões de juízes e as expectativas sociais que defendem a vida. Vida de quem? Da menina-mãe-abusada que corre risco de morte se levar a gravidez a termo, sem que seu corpo tenha condições de cumprir esse papel de forma precoce? Da criança-feto que ainda não nasceu e se vier a nascer pode ser vítima do aborto social, que vitimiza centenas de crianças, adolescentes e jovens em nosso país? Precisamos pensar na ética que valoriza a vida em seu direito à plena dignidade e não na ética que impõe nossos juízos e valores a meninas oprimidas e violentadas, exigindo que cumpram o dever da maternidade, mesmo quando isso pode provocar sua morte física e/ou simbólica.

L. D.

1. Um olhar para a história nos mostra que as sociedades modernas foram pensadas de modo a excluir a participação feminina e que os direitos das mulheres conquistados atualmente são frutos de lutas sociais, não de concessões benevolentes e espontâneas. O patriarcado (sistema que oprime as mulheres pelo simples fato de serem mulheres) confina os corpos femininos ao espaço doméstico e a ascensão dessas pessoas a posições de liderança incomoda e ameaça esse sistema. A notícia de que um procurador no Estado de São Paulo agrediu sua superior hierárquica no local de trabalho gera comoção; porém, a sensibilização por si só não é o suficiente se não for acompanhada de mudanças estruturais (alterações profundas no modo de pensar e de organizar a sociedade). A ênfase provocada pela mídia expõe a violência, mas muitas vezes não propõe a reflexão – a agressão se torna mero espetáculo. Devemos olhar para aquela cena e pensar que ser mulher nos dias de hoje representa uma situação de risco, pois mulheres e meninas não estão seguras nem mesmo em ambientes privilegiados, como aquele de São Paulo, visto que se tratava de pessoas que ocupavam presti-»



Breve história de todos nós – Uma síntese do tema Evolução e Espiritismo (2014)

Ricardo Baesso, Geraldo Luciano Marques, Carlos Eduardo Nogueiras, David Sérgio Gouvêa e Lyderson Viccini

R\$ 25,00

Disponível na Livraria



Maco, o prego feliz (2013)

Léia da Hora

R\$ 15,00

Disponível na Livraria

giados cargos públicos – imaginem o que não sofrem nossas irmãs trans ainda mais perseguidas... Falar sobre mulheres incomoda. A luta das mulheres é uma luta de todos, logo, é necessário o envolvimento também dos homens na tarefa de transformar a consciência social como um todo.

2. O caso da menina de 11 anos demonstra como a interpretação da lei e a respectiva argumentação podem ser manipuladas conforme os interesses de quem detém o poder de decidir. O texto da lei que garante o aborto em caso de estupro (também denominado “aborto humanitário”, “aborto sentimental” e “aborto ético”) foi manipulado de modo a assegurar os interesses e as concepções daqueles contrários a essa intervenção médica. Desse modo, vê-se que os direitos conquistados em lei nem sempre são respeitados, sendo comum o uso de “malabarismos” interpretativos a fim de fragilizá-los. Afinal, a verdadeira conquista de direitos não ocorre apenas com sua previsão em uma lei. Conquistar direitos vai muito além do papel e exige uma mudança social profunda, de modo que todos e todas passem a respeitá-lo e atuem para que ele seja cumprido também pelo Estado e pelas demais instituições, pois o texto de lei pode representar uma formalidade vazia se o conteúdo da norma não for defendido a todo momento pela sociedade.

Nota-se que os direitos conquistados nem sempre são respeitados em razão de existir outros interesses de ordem econômica, política, social e até mesmo religiosa, contrário à sua efetiva realização. No plano de direito das mulheres, isso acontece com frequência. Por exemplo, a Constituição Federal prevê igualdade de direitos e deveres a homens e mulheres, contudo, sabemos que esse direito assegurado no papel ainda encontra diversos obstáculos. Em suma, estar escrito na Constituição que homens e mulheres são iguais não é o suficiente para que sejamos verdadeiramente iguais – são necessárias ações e políticas públicas que tornem os direitos efetivos.

M. H.

1. Embora existam, nos dias de hoje, várias campanhas e movimentos em defesa da mulher, esta ainda não é uma realidade vivenciada no dia a dia de nossa sociedade. Ainda são muitos os relatos de violência contra a mulher, em virtude de ações machistas praticadas por autores que se sentem no direito de cometer tais ações. Para mudar, faz-se necessário que as mulheres cada vez mais recebam apoio para denunciar a violência

sofrida e que ações sejam tomadas contra aqueles que praticaram os atos violentos. E educação, de maneira a contribuir para a formação de uma sociedade mais justa.

2. Os direitos fundamentais, próprios do ser humano, estão descritos na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Alguns a consideram ainda como um ideal a ser alcançado haja vista que a violação a esses direitos está por todo o mundo. Na mesma direção, pode-se pensar que também os direitos conquistados nem sempre são respeitados em função de fatores como desigualdade social, miséria, violência contra as mulheres etc.

L. S.

1. O Brasil é um país que odeia mulheres e meninas. Sim, a misoginia é uma realidade que salta aos olhos. Somos constantemente violentadas, violadas, silenciadas, usurpadas de nossos direitos, da nossa autonomia e da nossa humanidade. Somos revitimizadas, julgadas e condenadas por um tribunal conservador que se sente no direito de opinar sobre tudo, e uma sociedade civil que atua incisivamente na responsabilização de mulheres em todas as situações, até mesmo naquelas em que estejamos na condição de vítima.
2. O caso da menina de 11 anos nos faz refletir sobre como é imperiosa a necessidade de um movimento feminista forte, articulado e atuante, associado a um jornalismo sério e respeitoso. A situação dessa menina só veio à tona devido ao trabalho incessante do Portal Catarinas, um coletivo de engajamento feminista e antirracista para construção de narrativas jornalísticas, baseado em Florianópolis (SC) que, em ação conjunta com o jornalismo do The Intercept Brasil, conseguiu amplitude e apoio suficiente para pressionar diversos órgãos e instituições brasileiras a buscarem outras saídas, para além da resposta jurídica dada no âmbito local. Ficaram também evidentes possibilidades de interpretação moralista da lei do aborto, de forma a não cumpri-la como descrita, e da armadilha da representatividade vazia nos postos de poder. No caso dessa menina, a responsável pelo descumprimento da lei e por toda a violência sofrida, tanto na revitimização quanto no afastamento da família, no sentido de proteger mais a continuidade da gravidez do que a própria vida da menina, veio das mãos de outra mulher, a juíza Joana Ribeiro Zimmer. A nossa luta como movimento feminista, além de amparar e lutar,



como sociedade civil organizada, para que nossos direitos sejam garantidos e cumpridos, passa também por buscar alavancar mais mulheres feministas nos entes representativos, legislativos e executivos.

J. B.

A questão da violência contra a mulher vai além da posição profissional que ela ocupa, essa afirmação parte do aumento desenfreado de casos.

A violência velada que ocorria em tempos não tão distantes, quando mulheres sofriam abusos e muitas das vezes não denunciavam, por medo ou vergonha, fazia com que os casos não fossem contabilizados. Hoje, podemos perceber que os agressores não estão mais se preocupando com a repercussão, estão atacando mulheres em qualquer lugar. O caso da agressão sofrida pela promotora pelo seu companheiro de trabalho é um exemplo de que não há mais limite para o agressor e que o sentimento de ódio está latente, levado até às últimas consequências.

Para as mulheres hoje manterem qualquer tipo de relação, está cada vez mais arriscado porque até então o agressor estava dentro de casa; hoje, ele está em qualquer lugar e, como se não bastasse a luta diária pela sobrevivência, a mulher ainda precisa lidar com a opinião alheia e o domínio sobre o seu corpo. O caso da menina que sofreu uma violência absurda, quando teve seu direito violado e foi proibida de fazer um aborto depois de ter sofrido um estupro, essa menina de apenas 11 anos sofreu todo tipo de violência por parte daquelas pessoas que deveriam ampará-la. Esses dois casos nos mostram que ainda está muito distante para as mulheres terem os seus direitos, suas integridades físicas e psicológicas preservados. Se essa menina fosse branca, as coisas teriam sido diferentes, o cuidado seria outro.

É importante falarmos que o índice de violência contra a mulher é altíssimo principalmente entre as mulheres pretas, evidenciando o racismo estrutural, quando não é cobrada pela sociedade, caindo no esquecimento, deixando famílias devastadas.

O sofrimento da mulher é grande, real e precisamos falar sobre isso, mas, para a mulher preta, é muito mais.

L. A.

1. Este fato lamentável, amplamente noticiado pela mídia, é bastante representativo do quanto não basta que a mulher supere diferentes parâmetros de discriminação – nível de escolaridade, poder econômico ou posição hierárquica – para se fazer respeitada, nem mesmo quanto aos níveis mínimos da dignidade humana, dentre os quais a integridade física. Difícil apontar uma fórmula quanto ao que deveria ser, nos dias de hoje e para um indivíduo como o protagonista da violência, intuitivo: resta-nos o empenho, quem

sabe com mais afinco, na conscientização da sociedade, ainda modelada por uma cultura que normaliza aberrações como esta, o que passa por ações educativas, mas também e muito infelizmente (e sem qualquer louvor ao punitivismo) pela punição exemplar dos criminosos desta espécie.

2. Uma vez mais, porque as mentalidades não se mudam por decreto. A elaboração de novas leis, que acabam amortecendo-nos o ânimo pela falsa sensação de progresso no campo dos direitos, precisa se fazer acompanhada de ações educativas, que despertem a reflexão e conscientização, além de preverem responsabilidades por seu descumprimento: em uma sociedade com tendências primitivas, a sanção ainda vigora como elemento decisivo de eficácia da norma.

M. A.

1. Sua pergunta me remete imediatamente à entrevista da Manuela D’ávila (ex-deputada federal, jornalista e política brasileira, candidata a vice-presidente na chapa de Fernando Haddad em 2018, filiada ao Partido Comunista do Brasil) a um canal do YouTube, em que ela relata ter sido agredida no supermercado, com a filha, e inclusive a filha ter sido também agredida, com meses de idade. Essa agressão gratuita é simplesmente porque ela é bem-sucedida no que faz. Ela faz política desde os 18 anos de idade. No meu entendimento, certas pessoas acham que o sucesso dela é perigoso, pois é uma pessoa esclarecida e sabe argumentar, inclusive faz o “mea culpa” por termos eleito o atual presidente. Ela relata que se a Câmara dos Deputados não tivesse sido tão complacente com o “jeito” dele, não estaríamos nesta situação. Ser mulher em qualquer época sempre foi um desafio. Assim várias foram apedrejadas, muitas foram queimadas, outras tantas estupradas (porque estupro tem a ver com poder e não com sexo) e desrespeitadas das mais diversas formas. Nossa sociedade patriarcal e machista sempre temeu o poder das mulheres e, por isso, a necessidade de nos fazer sentirmos menores, fracas, “intuitivas”. A mudança desta situação não se dará até que “Sejamos todos feministas” – livro de Chimamanda Ngozi Adichie – leitura obrigatória para todos na atualidade.

2. Porque o nosso corpo não nos pertence, pertence ao Estado. Somos privadas de decidir sobre o melhor para a nossa vida. O Estado se vê no direito de legislar sobre o corpo das mulheres. E essa visão se estende pela sociedade; assim, uma mulher grávida tem seu espaço corporal invadido. Pessoas desconhecidas se acham no direito de tocar ou fazer comentários sobre sua barriga, ou sobre o corpo dela. E se a grávida se retrai ou faz algum comentário que impeça o(a) estranho(a) de tocar-lhe, é mal-vista e mal-falada, na fala geral de “mal amada”.